

Características do maternalês em duas crianças de idades distintas*

Eliane V. Dadalto**

Marcia Goldfeld***

Resumo

O objetivo deste trabalho foi analisar, classificar e comparar as características do maternalês. Nesta análise, foi possível observar que o maternalês constrói um espaço na interação em que são permitidas e valorizadas as trocas afetivas, tão importantes para o desenvolvimento da criança e, ainda, perceber como a mãe facilita e possibilita à criança a continuidade do diálogo, ao conduzir e estruturar a fala de seus filhos. Os critérios adotados foram os indicados por Elliot (1982) e as funções comunicativas foram citadas e descritas por Braz e Salomão (2002) referindo-se à fala de uma mãe com seus dois filhos de diferentes idades. Participaram do estudo uma mãe e seus dois filhos (uma menina de 3 anos e 9 meses e um menino de 1 ano). As sessões de interação para a filmagem ocorreram em momentos distintos: mãe-filha e mãe-filho.

Palavras-chave: linguagem; interação; fala.

Abstract

The aim of this research was to analyze, to classify and to compare the characteristics of motherese. The research showed that motherese builds an environment within the interaction where the emotional exchanges, so important to children development, are able to happen and be valorized. It was possible also to notice how the mother makes possible and easier to the kid to go on the dialog, leading and structuring the speech. The criterion was the characteristics quoted by Elliot (1982) and the communicative functions described and quoted by Braz and Salomão (2002) in a mother's talk with her two kids in different ages. A mother and her two kids were observed in this research (a 3 years and 9 months old girl and a 1 year old boy) sections of mother-kid interaction were filmed in two different moments, the mother with the girl and the mother with the boy.

Key-words: language; interaction; speech.

Resumen

El objetivo de este trabajo fue analizar, clasificar y comparar las características del "maternalés". En este análisis fue posible observar que el maternalés construye un espacio en la interacción donde son permitidas y valorizadas los intercambios afectivos tan importantes para el desarrollo del niño y también percibir como la madre facilita y hace posible que el niño dé continuidad al diálogo, conduciendo y

*Trabalho apresentado no XIII Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 28 a 30 de setembro de 2005, Santos, SP. ** Mestranda do mestrado profissionalizante em Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida. *** Doutora em Distúrbios da Comunicação Humana. Professora adjunta do mestrado profissionalizante em Fonoaudiologia da Universidade Veiga de Almeida. Professora adjunta do curso de Fonoaudiologia da UFRJ.

estructurando la forma de hablar de sus hijos. Los criterios adoptados fueron los mencionados por Elliot (1982) y las funciones comunicativas mencionadas y descritas por Braz y Salomão (2002) en el modo de hablar de una madre con sus dos hijos de edades diferentes. Participaron del estudio una madre y sus dos hijos (una niña de tres años y nueve meses y un niño de un año). Las sesiones de interacción fueron grabadas en diversos momentos: madre-hija y madre-hijo.

Palabras clave: lenguaje; interacción; habla.

Introdução

O maternalês, a modificação da fala da mãe ao se dirigir à criança, tem sido foco de estudos desde a década de 70 (Snow e Fergusson, 1977). Muitas dessas pesquisas buscaram encontrar correlação entre o uso do maternalês e a aquisição de linguagem. *O presente trabalho tem por objetivo analisar, classificar e comparar as características do maternalês com uma mãe e seus dois filhos, sendo uma menina de 3 anos e 9 meses de idade e um menino de 1 ano de idade.*

Outras nomenclaturas também são utilizadas para denominar essa fala materna, tais como: fala *tatibitati*, *manhês*, *baby-talk*, *motherese*. Alguns autores diferenciam essas expressões. Elliot (1982), por exemplo, considera a fala *tatibitati* (fala em que ocorre a redução do grupo consonantal, uso desviante de pronomes utilizados na terceira pessoa e simplicidade sintática, tornando-a infantilizada) um dos componentes do maternalês, enquanto Snow e Fergusson (1977) consideram-na com o mesmo significado de maternalês.

Em seu trabalho, Elliot (1982) apresenta modificações características do maternalês, a saber: a) traços paralingüísticos: tom alto e entonação exagerada; b) traços sintáticos: menor comprimento médio de enunciado, menor número de formas e modificadores verbais, menor número de orações subordinadas intercaladas por enunciado, mais enunciados sem verbos, mais palavras de conteúdo e menos palavras funcionais; c) traços do discurso: mais frases interrogativas e imperativas, fala mais fluente e inteligível e mais repetições.

Segundo Neve (1972), nessa fala, os pais tentam tratar suas crianças numa ação recíproca, como parceiro de conversação; idéia essa corroborada por Snow (1986, 1995), quando diz que a fala dirigida à criança facilita o desenvolvimento da linguagem infantil, porque o adulto atua como um parceiro “conversacional” e envolve ativamente a criança numa troca interverbal.

De forma bastante peculiar e especial, a mãe tende a usar uma intensidade de voz mais alta do que a que usa geralmente, exagerando na inflexão vocal, usando frases pequenas e simplificadas; a voz da mãe possui uma musicalidade significativa para o seu bebê. A importância dessa fala está na manutenção da atenção e na construção do vínculo afetivo.

Para Cavalcante (2001), uma outra característica dessa fala é o uso de itens lexicais infantilizados ou em diminutivo ou o emprego de onomatopéias utilizadas como forma de simplificar a palavra original considerada difícil ou para reproduzir processos fonológicos correntes na fala inicial da criança. Segundo Snow (1977), os ajustes de fala endereçada à criança variam de acordo com a idade dos infantes, pois, à medida que eles crescem e se desenvolvem, esses padrões de fala se modificam, reduzindo, então, o uso do tom infantil e assimilando mais o tom de conversação adulto.

A esses ajustes é atribuído o papel de facilitar o desenvolvimento da linguagem. A constatação de que as crianças apresentam intenções comunicativas desde seus primeiros meses de vida influenciou estudiosos da linguagem a pesquisar a fala espontânea da criança em interação com seus pais.

Lipscomb e Coon (1983) também investigaram a modificação de padrão de fala dos pais com seus filhos (mães/filhas – pais/filhos) e o resultado da pesquisa por eles realizada indicou que a adaptação ocorre em decorrência da idade dos filhos.

Perroni (1992), ao pesquisar o desenvolvimento do discurso narrativo, enfoca o papel constitutivo da fala da mãe no desenvolvimento da criança. Esses estudos revelam que o desenvolvimento lingüístico é um processo e que o adulto tem papel preponderante como mediador nas situações interacionais em que ambos desempenham papéis ativos. Ressaltam, ainda, que a troca comunicativa estabelecida entre a criança e seus interlocutores, durante as situações dialógicas, é determinante e estruturante no processo de construção lingüística.

Aprofundando seus estudos sobre aquisição de linguagem e tentando dar conta de fenômenos observados no *corpus* de uma criança pequena, referentes à comunicação, De Lemos (1989), percebeu “vocalizações com um contorno prosódico significativo em resposta à atividade verbal interpretativa da mãe, dando ao intercâmbio mãe-filho uma aparência dialógica”.

Também para Garton (1992), a participação do adulto como interlocutor linguisticamente mais habilitado exerce o papel de se mostrar sensível às intenções comunicativas da criança, buscando aproximação entre seus níveis lingüísticos.

Para Aimard (1998), o *feedback* oferecido às crianças, principalmente pelas mães, favorece o desenvolvimento da linguagem, porque possibilita à criança estruturar a construção lexical.

Por sua vez, Conti-Ramsden e Friel-Patti (1986) realizaram um estudo no qual foi observada a complexidade cognitiva do diálogo entre mães e crianças de 12 a 24 meses. Os autores constataram que as mães se comunicavam no nível de compreensão das crianças e também em um nível mais complexo que o da competência das crianças. Observaram que a aprendizagem da fala era beneficiada, tanto pela fala próxima ao nível da criança quanto pela fala de um nível mais complexo.

Braz e Salomão (2002) relatam que a abordagem da interação social, com estudos que enfatizavam principalmente a função sociocomunicativa da fala materna, trouxe um redirecionamento nas formas de explicar a aquisição da linguagem, ao destacar a influência recíproca que ocorre nas interações diádicas mãe-criança.

Enfatizaram, ainda, que, para a perspectiva da interação social, os enunciados maternos podem expressar uma ampla variedade de intenções comunicativas e funções nas trocas lingüísticas, dentre elas: as solicitações maternas, que podem funcionar para motivar a criança a participar dos diálogos e estender seus recursos lingüísticos; os *feedbacks* maternos, que podem ser utilizados para dar continuidade à fala da criança e manter o diálogo; as *informações* ou *assertivas* maternas, que geralmente surgem nas interações para caracterizar, localizar e nomear objetos, assim como para descrever e anunciar ações; os *diretivos* maternos, que surgem desde as primeiras interações verbais e carregam consigo uma intenção mais explícita nos diálogos.

Outros aspectos da fala infantil também foram estudados: a) Garnica (1977) e Fernald (1989) registraram as características prosódicas na fala endereçada a crianças pequenas; b) Gleitman, Newport e Gleitman (1984) buscaram investigar o impacto da fala materna sobre o desenvolvimento das estruturas da linguagem das crianças; c) Harkness (1977) realizou um estudo comparando a fala das mães com a fala de crianças mais velhas quando elas se dirigiam às crianças de uma comunidade agrícola e descobriu que as mães tendem a usar mais perguntas do que as crianças e que as crianças usavam mais afirmações; d) Gleason (1973) estudou as modificações na fala dirigida a crianças menores em algumas crianças de 4 a 8 anos de idade; e) no Brasil, os trabalhos de Cavalcanti (1999, 2004) versam sobre o funcionamento da fala materna dirigida ao bebê, principalmente no que se refere ao ritmo.

Metodologia

Este trabalho foi realizado com uma mãe e seus dois filhos, sendo uma menina de 3 anos e 9 meses de idade e um menino de 1 ano de idade. As observações das interações foram realizadas na residência dos participantes, por meio de sessão de filmagem, em situação de brinquedo livre. Essas situações possibilitaram trocas interativas mais espontâneas e naturais, favorecendo, assim, a observação das interações mais semelhantes às que ocorrem no cotidiano. As sessões de filmagem tiveram a duração de vinte minutos cada uma. Toda a amostragem foi transcrita pela pesquisadora em ortografia regular, e, para que houvesse equilíbrio nas mostras, foram selecionados 200 turnos de cada *corpus* decorrentes das filmagens, com a seguinte legenda:

T = mãe

B = filha

G = filho

() – incompreensão de palavras ou segmentos (hipótese) – hipótese do que se ouviu

LETRA MAIÚSCULA – entonação enfática

:: :: - prolongamento de vogal e consoante

((letra minúscula)) – comentários do transcritor

_ (sublinhado) - entonação exagerada

♀ – Fala da mãe com a filha

♂ – fala da mãe com o filho

Para a análise, de caráter quantiqualitativa, foram levantados alguns turnos de cada uma das interações (mãe-filha e mãe-filho) com traços típicos do maternalês, levando-se em consideração as características descritas por Elliot (1982) e as funções comunicativas citadas e descritas por Braz e Salomão (2002).

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Veiga de Almeida e aprovado sob o nº 31/04.

Resultados e discussão

Com referência à classificação das interações com base em 200 turnos (Tabela 1), houve uma diferença significativa em todas as funções comunicativas entre o menino e a menina. Observa-se que a solicitação materna e os diretivos maternos aparecem em maior número na intera-

ção mãe-filho e isso se deve ao fato de a mãe se mostrar sensível às tentativas lingüísticas do filho e preencher os turnos com enunciados que chamem a atenção do filho, sustentando o “diálogo”, procurando ampliar a conversação a partir de suas tentativas lingüísticas e mantendo-o envolvido.

No entanto, em funções, como informações e *feedbacks* maternos, observa-se maior número na interação mãe-filha, pois, nessa faixa etária, é possível perceber um “padrão de interação mais sofisticado” (Braz e Salomão), ou seja, a mãe preenche os espaços discursivos orientando a atenção da criança para o seu foco de interesse, quando isso se faz necessário. Utiliza outras funções comunicativas mais informativas, quando já tem assegurada a atenção da criança para o diálogo e a certeza de a criança ter conhecimentos prévios que permitam um diálogo mais complexo.

Tabela 1 – Classificação das funções comunicativas nas interações com base em 200 turnos

Funções comunicativas	Menino de 1 ano	Menina de 3 anos e 9 meses
Solicitação materna	67	17
Diretivos maternos	43	22
Informações ou assertivas	3	14
<i>Feedback</i> materno	10	35

Exemplos das funções comunicativas que ocorrem nas interações diádicas analisadas:

a) a *solicitação materna*: pode funcionar para motivar a criança a participar dos diálogos e estender seus recursos lingüísticos. Exemplos:

((Mãe e filha brincam de professora e aluna, a mãe é a aluna e a filha a professora)).

♀ 18-T – Tia Patrícia, conta uma história!

19-B – Vou contar... Você quer de qual? Dos três carneirinhos?

Nesse exemplo, a mãe incentiva a criança a desenvolver uma função comunicativa complexa: a narrativa de história.

((Mãe coloca vários brinquedos no chão da sala e convida o filho que está sentado por perto para brincar)).

♂ 2-T – Ei, Guto, vamos brincar, Guto? Aqui, oh! ((Faz barulho de carro)).

3-G – ((*Ai ai ê*))

17-G – ((*Olha o carro*))

♂ 18-T – Pega o carrinho, Gustavo!

No exemplo acima, a mãe orienta a atividade da criança pela fala.

b) os *feedbacks maternos*: podem ser utilizados para dar continuidade à fala da criança e manter o diálogo.

Exemplos:

21-B – Tá bom. ERA UMA VEZ ((com entoação de contadora de histórias)). Uma ponte vivia os três carneirinhos: o grande, o médio e o grande...

♀ 22-T – O pequeno. O pequeno, o médio e o grande, né?

Nesse exemplo, a mãe corrige a filha tentando não quebrar o ritmo narrativo da criança.

58-G – ((*Gustavo tenta se levantar e emite sons como se estivesse conversando com a mãe*)).

♂ 59-T – O quê? É? Você é neném de mamãe?

A mãe dá intenção, forma e significado à fala da criança.

c) as *informações ou assertivas maternas*: geralmente surgem nas interações para caracterizar, localizar e nomear objetos, assim como para descrever e anunciar ações.

Exemplos:

23-B – Era a família, né? Andaram assim ((Batendo palmas e balançando a cabeça de um lado p/ o outro)) XUTCHA, XUTCHA, XUTCHA ... E o lobo? E o lobo?

♀ 24-T– Cadê o lobo? Cadê o lobo? Você não desenhou o lobo ...

– Senta aqui, ó ((Apontando um lugar mais próximo a ela)).

– Mamãe não está enxergando.

A mãe procura organizar o discurso da criança, ajudando-a na atividade de desenho.

♂ 135- T – ((Roda uma parte do brinquedo que toca uma música)).

– OH! OH!

136-G – ((Senta)).

♂ 137-T – Música! Música!

A mãe nomeia o objeto que deve ser foco de atenção da criança.

d) *diretivos maternos*: surgem desde as primeiras interações verbais e carregam uma intenção mais explícita nos diálogos.

Exemplos:

((Mãe e filha brincam de desenhar com giz no chão)).

♀ 51-T – Cadê o lobo mau?

52-B – *Esse é Chapeuzinho e esse é o lobo mau ((voltando a apontar))*.

A mãe explicita sua intenção de introduzir os personagens para contar a história.

♂ 6-T – Ei, Guto, vamos brincar, Guto?

– E CADÊ O AVIÃO, GUTO?

7-G – *ã ã :::*

A mãe utiliza um diretivo de atenção quando apresenta ao filho um brinquedo que chame a sua atenção (o avião). Segundo Braz e Salomão, isso pode indicar um menor envolvimento ou atenção de meninos nas atividades propostas pela mãe. Em nosso entender, no caso pesquisado, isso ocorre em função da idade da criança e não em função de gênero (masculino).

Características do maternalês citadas por Elliot

Na Tabela 2, encontram-se os resultados dos traços paralingüísticos que, segundo Cavalcante (1999, 2001), fazem parte da tríade lingüística de caráter melódico-afetivo que possibilita a inserção da criança pequena na atividade lingüística. Observa-se, nas interações, que o tom alto não foi uma característica marcante em nenhum dos dois casos. O que é sugerido na literatura é que o tom alto indicaria à criança que a fala está sendo dirigida a ela e não a um outro adulto. Talvez isso pudesse ter sido observado se, no momento da interação, houvesse um outro adulto. No entanto, a entonação exagerada ocorreu em maior número com o filho menor, corroborando a idéia de que a entonação pode ser encarada como uma tentativa de tornar a fala mais clara, como o que Garnica e Fergusson (apud Elliot, 1982) descrevem. Um fato interessante que pode ser notado é que as características descritas por Elliot (ibid.) falam da modificação da fala da mãe com seus filhos; no entanto, é possível observar que as características descritas já aparecem na fala da própria filha de três anos, o que nos sugere que a filha já pode, inclusive, assumir o papel de adulto, no caso, o de professora, na brincadeira de faz-de-conta, colocando a mãe no papel de criança.

Tabela 2 – Classificação dos traços paralingüísticos nas interações com base em 200 turnos

Traços paralingüísticos	Menino de 1 ano	Menina de 3 anos e 9 meses
Tom alto	13	17
Entonação exagerada	35	15 (da filha p/ mãe)

Traços paralingüísticos

- a) tom alto
 ((A mãe brinca de carrinho com o filho)).
 ♂ 16-T – Pega aí, Gustavo. Pega o carrinho, Gustavo!
 17-G – ((*Olha o carro*)).
 ♂ 20-T – You te pegar, Gustavo!
 21-G – ((*Olha em volta e torna a olhar a mãe*)).
 ((Mãe e filha brincam de contar e dramatizar a história da Chapeuzinho Vermelho)).
 ♀ 65-T – Faz-de-conta... Faz o lobo!
 66-B – NÃO, mãe, eu não faço!
- b) entonação exagerada
 60-B – *E ela perguntou: – QUE BOCA GANDE É ESSA? E aí era o lobo disfarçado de lenhador e vovozinha!*
 ♀ 61-T – Ai que coisa mais linda! O lobo DISFARÇADO de vovozinha!
 – Adorei o lobo disfarçado de vovozinha, e aí ela, ela virou: – VOVÓ, PARA QUÊ ESSES OLHOS TÃO GRANDES?
 ♂ 49-T – E Ê Ê :::::
 50-G – ((*Ele pega e solta*))
 62 – ((*Ele brinca com um brinquedo no chão e sorri*))
 ♂ 63-T – Cadê o Guto, gente!? Guto sumiu. Cadê o Guto?

Nos exemplos acima, a mãe enfatiza as palavras, ritmando-as, utilizando tom alto e entonação exagerada, dando voz ao comportamento do filho e mantendo-o ativo na interação conversacional.

Traços sintáticos

A Tabela 3 exhibe os traços sintáticos nos quais se observa que o menor comprimento médio do enunciado aparece na interação com o filho de um ano, embora ocorra em número significativo também na interação com a filha de três anos e nove meses. Considera-se natural que assim seja na interação mãe-filho de um ano, porém, após análise dos diálogos, pode-se perceber que o contexto da conversação tem relação direta com o tamanho do enunciado. O tipo de brincadeira que permeou a interação mãe-filha num tempo considerável da interação pode ter influenciado os resultados (mãe e filha brincando de desenhar e a mãe ficou a maior parte do tempo orientando os desenhos da filha), não podendo ser considerado, a nosso ver, como característica da interação mãe-filha mais velha. As orações subordinadas apareceram apenas na interação mãe-filha de 3 anos e 9 meses, o que pode sugerir ser pela participação efetiva da filha e sua maior habilidade lingüística. Os enunciados sem verbos apareceram em menor número que o descrito na literatura. Nos turnos em que ocorreram foram quase sempre em situações de *feedback* materno. Snow (1977) relata mudança de temas nas conversações com crianças maiores, inicialmente centrados na própria criança e depois passando a focar mais temas externos. Isso leva a inferir que, à medida que a idade da criança aumenta, o comprimento médio dos enunciados também aumenta, aparece maior número de frases subordinadas e os enunciados sem verbos diminuem:

Tabela 3 – Classificação dos traços sintáticos em 200 turnos

Traços sintáticos	Menino de 1 ano	Menina de 3 anos e 9 meses
Menor comprimento médio do enunciado	69	47 (filha) 45 (mãe)
Menor número orações subordinadas	0	12
Mais enunciado sem verbos	20	22

- a) menor comprimento médio de enunciado
 ♀ 45-T – Ah! Aluno não pode pegar o giz, não?
 46-B – *Não. Só de mentira.*
 ♀ 47-T – Coitada!
 ((Mãe e filho sentados com muitos brinquedos à volta)).

- 21-G – ((*Olha em volta e torna a olhar a mãe*)).
 ♂ 22-T – ((*Fica de quatro*)). Vão passear
 ♂ 32-T – Cadê o Gustavo?
 33-G – ((*Ele, com um brinquedo na boca, engatinha explorando outros brinquedos*)).

b) Menor número de formas e modificadores verbais

- ♀ 18-T – Tia Patrícia, conta uma história!
 19-B – Vou contar ... Você quer de qual? Dos três carneirinhos?
 17-G – ((Olha o carro))
 ♂ 18-T – Pega o carrinho, Gustavo!

c) Menor número de orações subordinadas intercaladas por enunciado

- ♂ – Sem ocorrência.
 56-B – ((B. interrompe a história)) – E que falou que ele é a vovozinha.
 ♀ 57-T – Não. Ele falou que o caminho do rio era perigoso.

d) Mais enunciados sem verbos ((Mãe e filho jogando bola)).

- 50-G – ((Ele pega e solta)).
 ♂ 51-T – Ê Ê Ê, MAMÃE!
 ((Mãe e filha num jogo de faz-de-conta)).
 ♀ 14-T – Obrigado, Mari / obrigado, João Vítor.
 15-B – Não sou eu, é ELE ((apontando para o lado)).

Traços do discurso

Pode-se observar, na Tabela 4, que há diferença significativa no número de frases imperativas e maior número de repetições, quando se trata do filho mais novo, e um equilíbrio no que se refere às interrogativas. Como a mãe é sujeito regulador/mediador da interação, entende-se que isso se justifica pelo fato de ela procurar sustentar o diálogo com o filho mais novo enquanto a filha mais velha já é capaz de manter o diálogo em outras bases. Os números de frases interrogativas se equiparam, embora se note que o contexto da brincadeira entre mãe-filha conduziu o diálogo a esse número de interrogativas. Essas observações corroboram o pensamento de Snow (1977), quando relata que a incidência de frases interrogativas decresce à medida que a idade aumenta. Nota-se que, em geral, as interrogativas tomam lugar importante nas interações, pois a tendência das mães é fazer muitas perguntas aos filhos; no entanto, percebe-se que o contexto influencia o aparecimento de tal tipo de frase. No caso, a última brincadeira com a menina (de desenhar letras) foi motivadora dessa forma discursiva.

Tabela 4 – Classificação dos traços do discurso em 200 turnos

Traços do discurso	Menino de 1 ano	Menina de 3 anos e 9 meses
Mais frases interrogativas	31	31
Mais frases imperativas	48	11
Mais repetições	31	6

Exemplo disso:

a) Mais frases interrogativas e imperativas

- ♂ 1-T – Ei, Guto, vamos brincar, Guto?
 Aqui, oh...
 – E CADÊ O AVIÃO, GUTO?
 ♀ 6-T – Você é a professora?
 ♂ 18-T – Pega o carrinho, Gustavo!
 ♀ T – Tá bom, vai lá.

b) Fala mais fluente e inteligível

- ♀ 16-T – Obrigado, João Vítor. Que lindo! Adoro as Superpoderosas.
 ♀ 18-T – Tia Patrícia, conta uma história!
 ♀ 39-T – Eu posso contar uma história? É do Chapeuzinho Vermelho.

A mãe utiliza esse tipo de enunciado com a filha, possibilitado pelo padrão linguístico desenvolvido pela criança.

c) Mais repetições

- ♂ 83-T – EU VOU PEGAR! ((Fazendo voz de assustar)).
 – EU VOU PEGAR!
 ♂ 30-T – Cadê o avião, Gustavo? ((Sentando)).
 – Cadê o avião ((Faz o gesto e o barulho do avião)).
 ♀ 27-T – XUTCHA, XUTCHA, XUTCHA
 – E O LOBO? ...
 ♀ 90-T – Foi, foi.

Considerações finais

É possível perceber que a fala da mãe apresentou características diferentes com os dois filhos, o que corrobora a idéia de que o discurso da mãe é modificado à medida que as crianças crescem e o uso do tom infantil é reduzido e elas assumem um tom de conversação adulto. Também o grau de participação do adulto passa de mais ativo para menos ativo. Todas essas características foram percebidas na mãe analisada.

Ao que parece, o principal elemento a ser considerado no maternalês é a relação afetiva estabelecida, como Brown (apud Elliot, 1982) relata: “inspiram afeição, ternura e intimidade”. Provavelmente, essa relação afetiva enseja desejo, na criança, de participação no diálogo.

Concorda-se com Snow (1977), quando diz que há mudanças nos temas da conversação. Com crianças mais novas, a conversação é centrada na criança e, na medida em que ela cresce, elas passam a focar temas externos. No caso analisado com o menino de 1 ano, os temas sempre estiveram relacionados com objetos presentes e, com a menina mais velha, foi usado o relato de situações passadas, brincadeiras de faz-de-conta e jogos didáticos ou atividades de metalinguagem.

Alguns estudos contestam a importância do maternalês na aquisição e no desenvolvimento da linguagem; porém, numa visão interacionista, parece inegável seu importante papel, tanto para a fala da criança como na relação de afeto que se estabelece entre mãe-filhos. Dessa forma, compreendendo melhor seu papel, torna-se possível pensar em formas eficazes de aconselhamento sobre aquisição de linguagem.

O maternalês constrói um espaço na interação onde são permitidas e valorizadas as trocas afetivas, tão importantes para o desenvolvimento da criança. Nessa relação de afeto, é possível perceber como a mãe facilita e possibilita à criança a continuidade no diálogo, conduzindo e estruturando sua fala. Ou seja, o maternalês apresenta características linguísticas que provocam as construções da criança e características paralinguísticas que mostram estados emocionais acolhedores para que a criança se sinta envolvida com a fala da mãe.

Referências

- Aimard P. O surgimento da linguagem na criança. Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.
- Braz FS, Salomão NMR. A fala dirigida a meninos e meninas: um estudo sobre o input materno e suas variações. *Psicol Reflex Crit* 2002;15(2):333-44.

- Cavalcante MC. Da voz à língua: a prosódia materna e o deslocamento do sujeito na fala dirigida ao bebê [tese]. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas; 1999.
- Cavalcante MC. Manhês: lugar de articulação linguístico-discursivo. In: Anais do II Congresso Internacional da ABRALIN; 2001; Fortaleza, CE. Fortaleza: Ed. UFC; 2001. v.1, p.1-212.
- Cavalcante MC. Ritmo no gesto e na voz: manipulando a língua com o bebê. In: Aragão RO, organizadora. O bebê, o corpo e a linguagem. São Paulo: Casa do Psicólogo; 2004. v. 1, p.57-69.
- Conti-Ramsden G, Friel-Patti S. Mother-child dialogues: considerations of cognitive complexity for young language learning children. *Br J Disord Commun* 1986;21:245-55.
- Elliot AJ. A linguagem da criança. Rio de Janeiro: Zahar; 1982.
- Fernald A. Intonation and communicative intent in mothers' speech to infants: is the melody the message?. *Child Dev* 1989;60:1497-510.
- Garnica OK. Some prosodic and paralinguistic features of speech to young children. In: Snow CE, Fergusson CA, editors. Talking to children. Cambridge: Cambridge University Press; 1977. p.63-8.
- Garton AF. Social interaction and the development of language and cognition. Hillsdale: Lawrence Erlbaum; 1992.
- Gleason JB. Code switching in children's language. In: Moore TE, editor. Cognitive development and the acquisition of language. New York: Academic Press; 1973.
- Gleitman LR, Newport EL, Gleitman H. The current status of the motherese hypothesis. *J Child Lang* 1984;11:43-79.
- Harkness S. Aspects of social environment and first language acquisition in rural Africa. In: Snow CE, Fergusson CA, editors. Talking to children. Cambridge: Cambridge University Press; 1977. p.309-16.
- Lemos CTG. Uma abordagem construtivista do processo de aquisição de linguagem: um percurso e muitas questões. In: Anais do I Encontro Nacional sobre Aquisição de Linguagem; 1989; Porto Alegre, RS. Porto Alegre: PUC,CEAAL; 1989. p.61-76.
- Lipscomb TJ, Coon RC. Parental speech modification to young children. *J Genet Psychol* 1983;143:181-7.
- Neve CE. Mãe às crianças que aprendem a língua. *Desenvolv Criança* 1972;43:549-65.
- Perroni MC. Desenvolvimento do discurso narrativo. São Paulo: Martins Fontes; 1992.
- Snow CE. Conversations with children. In: Fletcher P, Garman M, editors. Language acquisition. Cambridge: Cambridge University Press; 1986. p.69-89.
- Snow CE. The development of conversation between mothers and babies. *J Child Lang* 1977;4:1-22.
- Snow CE. Issues in the study of input: fine-tuning, universality, individual and developmental differences, and necessary causes. In: MacWhinney B, Fletcher P, editors. Handbook of child language. Oxford, UK: Blackwell; 1995. p.180-93.
- Snow CE, Fergusson CA. Talking to children: language input and acquisition. Cambridge: Cambridge University Press; 1977.

Recebido em junho/05; aprovado em julho/06.

Endereço para correspondência

Eliane Varanda Dadalto
Rua Ludwik Macal 1091/cobertura, Jardim da Penha,
Vitória, ES, CEP 29060-030

E-mail: elianedadalto@yahoo.com.br